AAJB

FOLHA DO JARDIM

Março 2015

Associação de Amigos do Jardim Botânico
Rua Jardim Botânico nº 1008, Casa 6 - Jardim Botânico
Rio de Janeiro – RJ CEP: 22470-180

Editorial

A FALTA DE ÁGUA E COMO O PROBLEMA É TRATADO NO JARDIM BOTÂNICO

O último verão no Rio registrou as temperaturas mais altas das últimas décadas e o menor índice pluviométrico na estação. O assunto do momento é a crise hídrica que assola o país. Todos sofrem, e o Jardim Botânico encara hoje dois problemas relacionados à água: a escassez para manutenção das espécies e a pouca disponibilidade para saciar a sede do público visitante. Para sabermos quais medidas de gestão foram adotadas pela Direção do Parque em relação ao problema do uso dos recursos hídricos, no dia a dia, entrevistamos o Diretor de Ambiente e Tecnologia, Claudison Rodrigues.

O estresse hídrico que hoje vivenciamos já ocorre há dois anos. E a chuva já não é esperada nos meses habituais, como janeiro, por exemplo. É preciso repensar os períodos de chuva. “Essa imprevisibilidade sinaliza a importância de termos planos de contingência”, diz Claudison. Aqui, quando falta água, bombas são usadas para encher carros-pipa com água retirada do rio dos Macacos ou do lago.

O projeto de distribuição das águas no Jardim Botânico é antigo. Através de canaletas, a água é levada para os canteiros de plantas usando um sistema engenhoso criado por Frei Leandro na primeira metade do século XIX. Próximo ao Serpro há uma comporta que junta as águas dos rios, uma parte do rio Iglesias e outra do rio dos Macacos. Em seguida as águas entram no aqueduto e atravessam o caminho da Mata Atlântica para alimentar os lagos, as canaletas, e saem na rua Jardim Botânico em direção à Lagoa Rodrigo de Freitas.

Entre as ações do Jardim Botânico para sobreviver com a crise hídrica, a determinação, hoje, é não molhar os gramados, não molhar plantas - exceto mudas já plantadas e as coleções científicas, porque estas últimas são valiosas do ponto de vista botânico e precisam ser preservadas - e não se plantar novas mudas até que a situação esteja regularizada. As duas novas estufas climatizadas, instaladas na área do antigo Caxinguelê, embora voltadas para abrigar orquídeas, na atual situação estão sendo usadas, provisoriamente, como área de recuperação de plantas que estejam sofrendo com a seca.

O Diretor também nos informou que, após ampla vistoria, outra ação contra o desperdício de água determina que todos os setores verifiquem a existência de vazamento em suas áreas. “Quando identificamos aquele pinga-pinga de água em banheiros e tubulações, imediatamente acionamos a área de manutenção para acabar com a perda”, disse.

A construção de reservatórios para capturar água da chuva, hoje desperdiçada, e o reuso da água para regar plantas são dois exemplos atualmente utilizados em instituições com ambientes semelhantes ao do Jardim. Pelo que sabemos, a única iniciativa prevista no JB é aumentar a capacidade de armazenamento atual com a recuperação e impermeabilização de uma cisterna desativada por vazamento e localizada no Cactário.

É claro e urgente que precisamos preparar um modelo sustentável e que possa combater o desperdício de recursos hídricos. Entre todos os tipos de desperdício a poluição da água é, certamente, o pior deles. E a ocupação ilegal de casas nas margens dos rios dos Macacos e Iglesias só agrava o problema.

Não apenas a escassez, mas a pouca oferta de água filtrada atingem o parque. O último Dia da Criança, em outubro, foi de muito sol e altas temperaturas. Com o Café Botânica fechado, a Loja Amigos do Jardim recebeu vários visitantes em busca de água, em sua maioria crianças, e muitos problemas para orientar os pais a se dirigirem ao café do lado de fora. Houve muitas reclamações quanto à falta de água para vender durante o verão, e a administração do JB ainda não solucionou o caso. Embora existam sete Fontes Wallace com água potável espalhadas no parque, nem todos têm segurança para bebe-la e muitos pedem por um documento que comprove sua qualidade. Segundo Claudison, existe o projeto de trazer a fonte que está ao lado do Jardim Japonês para fora do arboreto.

Certo é que, para evitar colapso maior que o atual, não bastam ações corretivas se não evoluirmos na educação ambiental de todos.

A Diretoria

Notícias

Museu comemora aniversário do Rio

No dia 11/03 terão início as comemorações do aniversário da cidade do Rio de Janeiro no Museu do Meio Ambiente, com a abertura da série *Conversas no Museu*, que em 2015 tem como tema *O Museu comemora a cidade*.

A abertura será realizada às 9h e estarão presentes a presidente do Jardim Botânico, Samyra Crespo, o diretor do Museu do Meio Ambiente, Henrique Lins de Barros, e o presidente do Comitê Rio 450, Marcelo Calero. A mesa de abertura, *A cidade entre comemorações*, será apresentada por Margarida de Souza Neves, coordenadora do Núcleo de Memória da PUC-Rio.

Os debates ocorrerão sempre na segunda quarta-feira de cada mês, até 11 de novembro.

Reenvio de boletos

Muitos associados não receberam ou não puderam pagar a tempo a anuidade de 2015.

Para solucionar o problema, estamos reenviando, por correio, os boletos com vencimento em março. O sócio que desejar pode pedir o envio por e-mail.

Os amigos que já estiverem em dia, favor desconsiderar este novo boleto.

Exposição de Regadores

Foto de Divulgação

O jardim da AAJB, entre os dias 11/04 e 24/05, das 8h às 17h, será palco para a exposição e venda de regadores-escultóricos desenvolvidos pelo empresário Antônio Carlos Laet.

O Portal do Meio Ambiente classifica os 10 parques urbanos mais bonitos do Brasil

O Portal do Meio Ambiente (**portaldomeioambiente.org.br**) classificou o Jardim Botânico do Rio de Janeiro como um dos 10 parques urbanos mais bonitos do Brasil. É importante frisar que o JBRJ é o maior instituto de pesquisas em botânica e biodiversidade vegetal da América Latina.

Olhar Sustentável

Estudo recentemente publicado na *Science* trouxe notícia preocupante: a população mundial pode chegar a 12 bilhões antes de se estabilizar, ao invés dos 10 bilhões anteriormente previstos.

O cerne do desafio do desenvolvimento sustentável não é exatamente o tamanho da população mundial, mas sim seu impacto ambiental. Por exemplo, um norte americano emite em média cerca de 5,5 ton de carbono por ano, enquanto um africano emite cerca de 0,4.

É ilegítimo e inaceitável negar a ascensão do padrão de consumo das populações hoje desprovidas de recursos, de modo que o crescimento absoluto do número de humanos nesse momento histórico de crise ecológica não pode deixar de ser reconhecido como um problema.

Há 200 mil anos surgia o primeiro *homo sapiens*. Há 50 anos atrás a população mundial não superava dois bilhões. Hoje já ultrapassou 7 bilhões.

A transformação mais importante estará certamente na mudança dos padrões de produção e consumo. No exemplo que utilizei, as mudanças climáticas, a questão toda é a transição para economias de baixo carbono.

Mas estabilizar e, posteriormente, permitir que naturalmente a população mundial se reduza é parte obrigatória da solução. Felizmente para isso não é preciso nenhuma coerção ou incentivo, basta assegurar um direito humano fundamental : acesso à informação e conhecimento e liberdade sobre seus corpos para todas as mulheres do planeta. A correlação entre esse direito e a redução do número de filhos por mulher é enorme em qualquer lugar do mundo.

Em muitos países, contudo, não se trata apenas de falta de recursos, mas também de culturas que subordinam as mulheres e não aceitam a igualdade de gêneros. Esse é um aspecto importante de um dos grandes dilemas do século XXI: direitos humanos fundamentais para todos ou autodeterminação dos povos?

Sergio Besserman Vianna
**é economista, membro do Conselho Deliberativo da AAJB e do Conselho de Desenvolvimento Sustentável do JBRJ*

Floração

Fevereiro/Março

Em nossa caminhada mensal, a diretora e paisagista Cecília Beatriz da Veiga Soares identificou inúmeras espécies na floração do mês de Fevereiro. A listagem completa pode ser obtida no nosso site ou na sede da AAJB. O destaque do mês é o **abricó de macaco** (*Coroupita guianenses*). A aleia dos abricós de macaco encontra-se com belíssima floração e perfumada. Outros nomes: **cuia-de-macaco**, **macaca-recuia**. Família: *Lecythidaceae*. Distribuição geográfica: Região Amazônica em margens inundáveis dos rios e nas Guianas. Atinge até 30m de altura. É uma das mais belas árvores tropicais quando nesta época se transformam em imensas colunas revestidas de inúmeras flores vermelhas, belas, vistosas e perfumadas que saem diretamente dos troncos, envolvendo-os totalmente. Seus frutos, esféricos, grandes e pesados, na tonalidade castanha, são comparados a balas de canhão, sendo a árvore também conhecida como "bala-de-canhão". Estes frutos contém uma polpa azulada de odor desagradável no amadurecimento, contém grande quantidade de sementes apreciadas pelos animais e disputadíssimas especialmente pelos macacos. Esta floração geralmente permanece do mês de outubro ao mês de março.

Foto por João Quental

Por dentro do Jardim

LABORATÓRIO DE FITOSSANIDADE

Foto de Divulgação/JBRJ

Este mês estivemos no Laboratório de Fitossanidade do Jardim conversando com Maria Lucia Moscatelli, responsável pela área de saúde vegetal do JBRJ, e com Geisler Vanil, técnico agrícola, que nos contaram sobre um projeto que vêm desenvolvendo desde setembro passado.

O trabalho consiste em fazer reparos nos riscos feitos nas cascas das árvores e nos bambus do Arboreto com uma tinta desenvolvida especialmente para este fim, a partir de uma mistura de cal virgem, água e sulfato de cobre, originando a chamada **calda bordalesa**. À ela são adicionados corantes próprios que variam de cor dependendo de qual árvore vão pintar.

Desde 2012 é realizado um monitoramento semanal dos canteiros para ver a quantidade de ocorrências.

E não são só os casais apaixonados que deixam seus riscos ali. "Fulano esteve aqui", "Vovó te ama" , "Deus é amor" e desenhos obscenos também já foram contabilizados nos quase 4 mil bambuzais monitorados. Na análise, foi possível perceber que as mirtáceas são as mais atingidas, ou seja, as árvores que têm a casca lisa.

É importante que o visitante saiba que aquilo é uma cicatriz que fica para sempre naquela árvore. A casca não se regenera e o risco de infecções é maior quando os troncos são machucados. A tinta é aplicada em caráter de tratamento, para evitar a proliferação de brocas, fungos e insetos sugadores.

Foto de Divulgação/JBRJ

Programação

Presente de vô

Nos dias 21 e 22 de março o espetáculo *Presente de vô* será apresentado no Teatro Tom Jobim. A peça se passa na oficina do velho Cambeva e mostra as origens da música brasileira desde sua origem com as cirandas guaranis e cantigas de ninar africanas até os cantores de MPB Caetano Veloso, Milton Nascimento e Chico Buarque.

Dia 21/03 às 20h e 22/03 às 17h e às 20h. Ingressos a R$ 40 (inteira). Classificação livre.

Exposição Canal 100 - Uma câmera lúdica, dramática e explosiva

A mostra *Canal 100 - Uma câmera lúdica, dramática e explosiva*, traz uma linha do tempo sobre o cinejornal fundado por Carlos Niemeyer na década de 1950, que apresentava questões políticas, culturais e sociais da época, mas ficou conhecida, principalmente, por mostrar o futebol arte, com os melhores lances de ídolos como Pelé e Garrincha. O Canal 100 tornou-se o maior acervo cinematográfico do futebol brasileiro, com um programa por semana de 1959 a 1986.

Nelson Rodrigues certa vez afirmou que "foi a equipe do Canal 100 que inventou uma nova distância entre o torcedor e o craque, entre o torcedor e o jogo, grandes mitos do nosso futebol".

A exposição faz parte da programação do Rio 450 anos (**rio450anos.com.br**) e vai até o dia 29/03 no Galpão das Artes do Espaço Tom Jobim, que funciona de terça a domingo, das 10h às 17h. A classificação é livre e a entrada franca.

Palestra na AAJB

No dia **28/03**, às 10h30, vamos receber em nosso auditório o pesquisador do JBRJ Leandro Freitas, para proferir a palestra *Plantas e polinizadores.* Leandro vai dar um passeio pela evolução das flores, o funcionamento das comunidades e os serviços ecossistêmicos. A variedade de formas, tamanhos e cores das flores reflete pressões seletivas pelos polinizadores. As interações com polinizadores também são importantes para o funcionamento das comunidades e para o ser humano, pois a polinização é necessária para a produção de muitos alimentos.

Auditório Geraldo Jordão Pereira. Rua Jardim Botânico, 1.008, Casa 6. Entrada gratuita.

Bichos do Jardim

Lavadeira-mascarada (*Fluvicola nengeta,* Linnaeus, 1766)

Foto por João Quental

Apesar de ser extremamente popular, pois é observada com facilidade em gramados e jardins da cidade, essa pequena ave branca de asas pretas nem sempre esteve em terras cariocas. Essa espécie ocorria originalmente apenas no nordeste brasileiro mas expandiu sua distribuição para o sudeste, atingindo o município do Rio de Janeiro na década de 50, com registros inclusive no Jardim Botânico, de acordo com o grande ornitólogo Helmut Sick.

A lavadeira-mascarada tem esse nome devido à faixa negra que vai da base do bico até depois dos olhos, lembrando uma máscara. Lavadeira pois gosta de viver próximo da água. Apesar de muitas pessoas a chamarem também de viuvinha, esse nome popular pertence a outras espécies da família dos tiranídeos, como a Arundinicola leucocephala e a Colonia colonus, de plumagem quase inteiramente negra e cabeça branca. Tanto os machos como as fêmeas de lavadeira-mascarada apresentam a mesma coloração branca e preta, embora os machos possuam as costas levemente mais escuras que as da fêmea.

É uma das espécies mais comuns no Jardim Botânico, sendo facilmente observada caminhando nos gramados e ruas do arboreto a procura de insetos. Constrói os ninhos fechados geralmente perto da água, a baixa altura. Extremamente adaptada à presença do Homem, pode colocar seus ninhos em locais inusitados, como na cabeça de estátuas, o que já foi observado em várias situações no arboreto.

Henrique Rajão
**é ornitólogo*

Perguntas | Sugestões

Sua opinião é importante!

Jornalista Ligia Lopes

contato@amigosjb.org.br

+55 21 2239-9742 | +55 21 2259-5026